



ipb

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA
Escola Superior de Educação

Leitura e escrita... aprendizagens complementares

Leonilde Nazaré António

*Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Bragança para obtenção
do Grau de Mestre em Ensino da Leitura e da Escrita*

Orientado por

Dina da Conceição Jerónimo Rodrigues Macias

Novembro 2014

S. Tomé

Índice

Agradecimentos.....	2
Resumo.....	3
Introdução.....	4
Capítulo I: A leitura.....	6
1. O que é Ler.....	6
2. Finalidades da Leitura.....	6
3. O que os docentes precisam dominar sobre o processo de percepção da leitura.....	7
4. Estratégias de assimilação da leitura.....	8
Capítulo II: A Escrita.....	9
1. A Escrita.....	9
1.1 A aprendizagem da escrita e a sua ligação com a aprendizagem da leitura.....	10
1.2 O que os Professores Precisam de Saber sobre a Escrita.....	11
1.3. Particularidades dos registos orais e escritos nas sociedades actuais.....	11
2. A Reprodução Escrita de histórias.....	12
3. Da oralidade à escrita.....	13
4. Posição do docente numa pedagogia da escrita.....	13
5. Fases da elaboração da escrita	14
Capítulo III- Apresentação /Análise de Dados	15
1. Descrição dos critérios de selecção do grupo de participantes.....	15
1.1. Técnicas de Recolha de dados.....	15
1.2. Tratamento dos dados	16
2.Descrições dos dados.....	16
2.1. Dados da escrita dos alunos	16
2.2. Dados da leitura dos alunos	22
2.3. Dados da leitura dos professores	29
2.4. Dados da escrita dos professores	34
3. Análise dos dados.....	38
Conclusão.....	39
Bibliografia.....	40
Anexos.....	44

Agradecimentos

Este trabalho contou com colaboração de várias pessoas que, de uma forma ou de outra, me ajudaram e às quais quero deixar aqui expresso o meu reconhecimento.

Em primeiro lugar, à Deus que me deu forças para realizar este sonho de voltar a estudar, apesar de inúmeras dificuldades.

À Professora Dina Macias, que pelo apoio científico, pela disponibilidade que demonstrou, pelo incentivo e encorajamento constantes e, ainda pela revisão crítica deste trabalho. O meu profundo obrigado.

Ao meu marido, Luís de Carvalho Rompão, que para além de colaborar em algumas tarefas concretas, me deu apoio, ternura, estímulo e as condições que possibilitaram chegar ao fim deste início de percurso.

Aos meus filhos: Allicynilde Nazaré Rompão e Ivanildo Nazaré Rompão pelo carinho e paciência que suportaram as minhas ausências.

Aos docentes do curso de Mestrado em Ensino da Leitura e da Escrita no Instituto Superior Politécnico pela partilha de conhecimentos teórico-práticos e pelo apoio ao desenvolvimento deste trabalho.

Aos inquiridos que responderam as perguntas do questionário.

A todos aqueles que sempre tiveram uma palavra amiga e que acreditaram em mim, o meu bem haja.

Resumo

A aprendizagem da leitura e da escrita é uma questão que exige preocupação de todos.

No que toca ao desenvolvimento das competências da leitura e da escrita o professor deve exercer um papel relevante. O mesmo deve ser uma pessoa provida de muitos conhecimentos e talentos para incentivar os alunos a essa prática.

De acordo com Inês Sim-Sim (2007:07) « a essência da leitura é a construção do significado de um texto escrito e aprender textos é o grande objectivo do ensino da leitura.»

A mesma autora salienta ainda que «Ensinar ler é, acima de tudo, ensinar explicitamente a extrair informação contida num texto escrito, ou seja, dar às crianças as ferramentas de que precisam para estratégia e eficazmente abordarem os textos, compreenderem o que está escrito e assim se tornarem leitores fluentes.»

Pois, o entendimento dos textos e a apreciação de boa literatura promovem estímulo às crianças para que leiam de forma autonomamente para si próprias e para os outros.

Introdução

Concernente ao tema: «Leitura e escrita... aprendizagens complementares», achamos o mesmo muito pertinente devido à importância da leitura e da escrita nos currículos escolares. No entanto, a leitura e a escrita exigem uma atenção especial, pois proporcionam um grande desenvolvimento na compreensão e expressão oral e na compreensão e expressão escrita traduzido em ouvir, falar, ler e escrever. O aluno precisa de entender e assimilar as estruturas da língua. Para que isso aconteça, o professor deve oferecer-lhe meios que conduzam a este fim. O mesmo deve ser uma pessoa dotada de capacidades que lhe possibilitem proceder em conformidade com diversas situações que possam aparecer ao longo do processo de ensino - aprendizagem; deve ser capaz de escolher situações que provoquem as actividades e o assunto a ensinar; de executar o que estruturou e, finalmente, de avaliar.

Todos nós admitimos que saber ler e escrever são requisitos fundamentais para o sucesso pessoal, quer na vida escolar, quer na vida profissional.

Apuramos ainda que, a linguagem escrita é indispensável na vida diária. É imprescindível saber ler fluentemente e escrever de forma eficaz para a execução de muitas tarefas quotidianas. Como por exemplo: ler um livro, uma receita, enviar uma mensagem escrita pelo telemóvel, entre outras coisas.

Para despertar a curiosidade e o interesse pela leitura e a escrita, a criança desde cedo deve conviver com os livros. Se a criança estiver rodeada de livros e neles encontrar um objecto do seu afecto, rapidamente descobrirá que a leitura e a escrita se podem revelar como uma das actividades mais estimulantes da sua vida e como janela aberta sobre o mundo e sobre os outros.

Hoje em dia, segundo conclusões de muitas investigações, lê-se pouco e também se escreve muito pouco. Por isso, a escola realiza um papel indispensável na aprendizagem da linguagem escrita. Ao contrário da língua oral, que a criança adquire na conjuntura familiar, o domínio da escrita requiere um ensino explícito e estruturado de quem ensina, o docente, e a determinação de aprender por parte do aluno.

O nosso trabalho está composto por três capítulos. No primeiro capítulo versamos sobre alguns aspectos da leitura, no segundo capítulo, referimos alguns aspectos da escrita e no terceiro aludimos sobre a apresentação/ análise de dados.

Capítulo I: A Leitura

1. O que é Ler

Segundo Gabriel Gonçalves, «Ler é interpretar o pensamento expresso por meio de símbolos escritos (leitura silenciosa) e ainda traduzi-lo, se a leitura é oral, por sons articulados.» (1973:39)

«Ler é compreender, obter informação, aceder ao significado de texto.» (Inês Sim- Sim 2007: 9). A mesma autora salienta ainda que , compreensão da leitura é «a atribuição de significado ao que se lê, quer se trate de palavras, de frases ou de um texto.» «Tal como na compreensão do oral, o importante na leitura é a apreensão do significado da mensagem, resultando o nível de compreensão da interacção do leitor com o texto». É evidente que, devido esse pormenor, dois leitores conseguem alcançar níveis de entendimento distintos na presença de textos semelhantes e o mesmo leitor, consegue obter níveis de entendimento diferentes na presença de dois textos diferentes.

A leitura, como acto ou efeito de ler, é uma actividade de grande importância e valor. Saber ler é um elemento indispensável para que qualquer indivíduo possa viver, na devida acepção da palavra, no mundo actual seja onde for.

Queremos salientar que, a formação do hábito de leitura pode ser simplificada pela preferência e obtenção de livros fascinantes e apropriados. A posse de livro é essencial para a formação do aluno.

2. Finalidades da Leitura

De acordo com Gabriel Gonçalves (1973: 40) «o futuro escolar de uma criança depende, em grande parte, de uma boa ou má aprendizagem da leitura...»

A criança detesta a leitura, quando encontra nela um exercício monótono e formal. Logo desenvolver o gosto pela leitura é tarefa primordial da escola primária.

«Não basta que a criança saiba ler». «É necessário que adquira o gosto pela leitura.» (Gabriel Gonçalves,1973:41.)

A leitura solicita à reflexão, propõe valores, levanta problemas, cria o gosto da palavra, forma um espírito crítico. Será, por isso, indiscutível o seu valor formativo do ponto de vista intelectual, moral, estético e social.

A mesma deve ser aplicada para: i) proporcionar um conhecimento mais perfeito das coisas, fenómenos e actividades que nos rodeiam; ii) estender os acontecimentos às coisas, fenómenos e actividades mais distantes; iii) proporcionar um conhecimento mais perfeito da experiência dos outros; iv) Permitir encontrar solução para inúmeros problemas da vida, sobretudo da vida profissional; v) familiarizar com os problemas e as aspirações da colectividade; vi) enriquecer a cultura e vii) ser fonte de prazer.

3. O que os docentes precisam dominar sobre o processo de percepção da leitura

O entendimento da leitura é um sistema bastante complicado. Inclui o que o leitor sabe a cerca da sua própria língua, a cerca da vida, a cerca da natureza dos textos a ler e acerca dos processos e estratégias específicas para aquisição do significado do conhecimento registado através da escrita.

A maior finalidade do ensino da compreensão da leitura « é o desenvolvimento da capacidade para ler um texto fluentemente, o que implica precisão, rapidez e expressividade na leitura.» «Um leitor fluente reconhece as palavras automaticamente e sem esforço, agrupa-as, acedendo rapidamente ao significado de frases e de expressões do texto.» (Inês Sim-Sim 2007:11)

É de salientar que o ensino da compreensão da leitura precisa contemplar intervenções educativas que apontem habilidades próprias para aprendizagem da leitura, a promoção para o progresso linguístico dos alunos, o incentivo do seu comportamento como leitores e o aumento do saber experiencial que têm acerca da vida e o Mundo.

Para a Inês Sim-Sim (2007:13), «o ensino da compreensão da leitura de textos começa quando, antes de a criança saber decifrar, exploramos com ela o conteúdo de um texto , isto é, a deixamos ler histórias através da nossa própria voz.» Este ensino prossegue em paralelo com a aprendizagem da decifração e continua por toda escolaridade.

4. Estratégias de assimilação da leitura

Ensinar a entender é ensinar claramente habilidades para falar de um texto. Estratégias de entendimento são instrumentos de que os alunos se auxiliam intencionalmente para melhor entenderem o que lêem, quer se trate de ficção ou de não ficção. Essas estratégias ocorrem antes, durante e após a leitura de textos.

De acordo com Inês Sim-Sim (2007: 17,19 e 22) «antes de iniciar a leitura devemos»: i) «explicitar o objectivo da leitura do texto»; ii) «activar conhecimento anterior sobre o tema»; iii) «antecipar conteúdos com base no título e imagens, no índice do livro, etc». e iv) «filtrar o texto para encontrar chaves contextuais. » «Durante a leitura devemos»: i) «fazer uma leitura selectiva»; ii) «criar uma imagem mental do que foi lido»; iii) «sintetizar à medida que se avança na leitura do texto»; iv) «se necessitar, usar materiais de referência (dicionários, enciclopédias...)»; v) «parafrasear partes de textos» e vi) «sublinhar e tomar notas durante a leitura». «E depois da leitura devemos»: i) «formular questões sobre o lido e tentar responder»; ii) «confrontar as previsões feitas com o conteúdo do texto»; iii) «discutir com os colegas o lido» e iv) «reler».

Gostaríamos salientar que, por parte do aluno, o mesmo deve ter: vontade para aprender, convivência com materiais escritos, confiança, incentivo do professor, etc.

E por parte do professor o mesmo deve: definir objectivos para a leitura, reservar momento para o aluno, honrar o ritmo da aprendizagem, sugerir o adiantamento de apontamentos, promover jogos de leitura, produzir diversos lugares e situações para a leitura, etc.

Capítulo II: A Escrita:

1. A Escrita

Segundo Gabriel Gonçalves (1973: 308) « o acto de escrever é um processo muito complexo, pois obriga o indivíduo a pôr em acção umas centenas de músculos e manter inactivos a maior parte dos outros.»

No entanto, de acordo com Luís Filipe Barbeiro e Luísa Álvares Pereira (2007: 9) « o desenvolvimento da escrita deve combinar a aquisição de competências específicas, a aplicar pelo aluno no momento da produção textual, com o acesso às funções desempenhadas pela diversidade de textos, no seio de uma comunidade.» Os mesmos autores acrescentam ainda que: « estas duas vertentes têm implicações para a acção que deve ser realizada pelo professor e por toda a escola.»

Essas acções são: i «acção sobre o processo de escrita» que tem como objectivo permitir o progresso das capacidades e dos saberes envolvidos na escrita; ii « acção sobre o contexto dos escritos» que tem como finalidade possibilitar o convívio com escritos social e cultural interessantes e o acesso às inúmeras utilidades.

Porém, a sala de aula funciona como um lugar de inspiração, de apreciação e de reconhecimento desta dupla ligação com a escrita. Muitas são as razões para, por via da escrita, justificar, convencer, exprimir sensibilidades e afectos, narrar acontecimentos verídicos ou irreais.

Luís Filipe Barbeiro e Luísa Álvares Pereira (2007: 17) dizem ainda que : « a escrita exige a capacidade de seleccionar e combinar expressões linguísticas, organizando-as numa unidade de nível superior, para construir uma representação do conhecimento, correspondente aos conteúdos que se quer expressar.» Segundo os mesmos autores: « escrever é, em grande parte das situações, escrever um texto.»

Contudo, o acto de escrever é uma forma de transmitir e de declarar por escrito alguma informação relevante, não obstante aos progressos técnicos modernos. Juntamos informações, manifestamos as nossas opiniões e sobretudo produzimos. Por meio da escrita faz-se tudo isso.

Todavia, todo texto escrito é um distintivo. E como distintivo ajuda o ser humano a lutar contra a falta de lembrança. E também possibilita a modificar eventos (as curtas produções orais na linha do tempo) em acontecimentos durativos.

Luísa Pereira (2000:345) ressalta que « sabe ler quem sabe escrever e só quem sabe escrever sabe (pode) ler parece ser, pois, um princípio fundamental no processo de ensino aprendizagem da língua materna, o único, aliás, que perspectiva a leitura como acto de reconstrução dos processos de produção.»

No entanto, a vontade para aquisição de conhecimento acerca da escrita deve, necessariamente, existir um intercambio: redige-se com a finalidade de se ler, com o objectivo de passar à outra pessoa aquilo que não seria capaz de passar com igual eficiência.

Luísa Pereira (2000:376) diz que «saber escrever passa, ao mesmo tempo, por saber às injunções de escrita e por investir de modo pessoal, dando sentido ao que é escrito.»

Porém, redigindo e interpretando o que registámos, aprendemos a reflectir.

Por conseguinte, Luísa Pereira (2000: 389, 391) refere que: « se caminhar no sentido de um autêntico ensino da escrita exige, portanto fazer o luto da identidade habitual de professor de Português, exige também uma formação centrada numa prática reflexiva de escrita.» A mesma autora menciona ainda que: « a didáctica da escrita só será, de facto, campo estratégico de luta contra o insucesso se se situar na encruzilhada da investigação- formação-acção, não separando, artificialmente, a teoria da prática e não marginalizando, em consequência, os principais actores desta batalha: os professores de língua materna.»

1.1 A aprendizagem da escrita e a sua ligação com a aprendizagem da leitura

É necessário propor aos alunos actividades de escrita que os envolvam e que tenham sentido.

Essas actividades devem partir da leitura do texto. Permitindo que eles reflectam sobre o que leram, que coloquem perguntas e tenham respostas pessoais face aos excertos lidos, que estabeleçam relações entre os textos lidos, que escrevam com sentido e que leiam aquilo que escreveram.

Porque a leitura funciona como mais-valia no desenvolvimento da escrita, mas a escrita configura-se como um importante contributo para a aprendizagem da compreensão leitora.

1.2 O que os Professores Precisam de Saber sobre a Escrita

Segundo Baptista; Viana & Barbeiro (2011: 10) precisamos «conhecer as diferenças significativas entre a escrita e a oralidade para compreendermos algumas das estratégias pedagógicas que é preciso activar para motivar para a escrita e desenvolver o seu ensino/aprendizagem.»

Por conseguinte, o professor precisa entender as particularidades que diferenciam a escrita da exposição oral. O mesmo deve ser capaz de apresentar os benefícios da escrita virtual e tornar relativo as razões para a sua recusa, previamente entendendo por que motivo é ela desejável pelos jovens.

Logo, o docente deve apoiar os alunos a lutar contra a recusa da aquisição da escrita. Visto que, a oralidade e os avanços tecnológicos conseguem efectuar todos os usos das anotações registadas sem fazer muito sacrifício.

1.3. Particularidades dos registos orais e escritos nas sociedades actuais

A escrita e a oralidade se interagem, uma vez que há momentos que a oralidade oferece à escrita as suas particularidades. Existem ocasiões, em que a exposição oral, em situações mais cerimoniosas, usa certos sistemas da escrita.

Os meios sugeridos para o ensino da escrita, para que os mesmos produzam sentido, é preciso que os alunos percebam antecipadamente que são os requisitos de produção e a prática que provam as diversidades da escrita com relação à oralidade.

Contudo, precisamos ter conhecimento de que este é um período em que muitos estão estimulados com as tecnologias. Porém, os jovens praticam a escrita virtual, reunindo as características da escrita e as da oralidade, e fazem isso desde muito cedo. Escrevendo, por exemplo mensagens nos computadores, telemóveis, e não só.

Por causa do surgimento da escrita virtual, actualmente, a escrita se separa da oralidade. Isso ajudará a perceber por que motivo os mais novos ficam fascinados pela escrita virtual. Porque a mesma é livre, não se preocupam com os erros... No entanto, essa escrita virtual ajudará a entender como desenvolver, desde cedo os benefícios do ensino formal da escrita e a descobrir habilidades que estimulem os mais novos para o ensino da escrita.

2. A Reprodução Escrita de histórias

Actualmente, nos contextos escolares, a reescrita ou reprodução escrita de textos tem sido uma actividade muito utilizada. Isso se deve ao facto de que ao reescrever uma história conhecida, a criança receberá o tema e a estrutura narrativa da história.

Sendo assim, é possível que a demanda cognitiva da elaboração da reprodução escrita de uma história seja menor do que se a criança tivesse que criar uma história inédita.

Outro aspecto interessante seria o facto de que a reprodução escrita de histórias conhecidas é uma grande fonte de motivação para as crianças, que se sentem à vontade neste tipo de actividade. E por parte de professores e pesquisadores, a reprodução escrita de contos tem despertado grande interesse, pois este tipo de narrativa faz parte do universo infantil desde muito cedo.

A familiaridade com a estrutura narrativa de contos pode auxiliar na tarefa de reprodução escrita. É possível que o contacto com esse tipo de texto possa também auxiliar o aluno a produzir mais tarde, textos mais complexos.

O trabalho com a reprodução escrita de histórias permite ainda que a criança entre em contacto com bons textos, favorecendo a apropriação desse determinado género textual.

3. Da oralidade à escrita

De acordo com Luísa Pereira e Flora de Azevedo (2005: 19) , « aprendizagem da língua escrita se deve fazer na sequência do conhecimento que a criança tem da língua falada. »

Pois a escrita terá um papel muito importante, mas não exclusivo, porque se trata de aprender a escrever e a ler ao mesmo tempo.

O que a criança terá de apreender é a língua escrita, mas será essencial tomar em consideração a especificidade dos comportamentos relativos à leitura e à escrita.

Luísa Pereira e Flora de Azevedo (2005: 20) consideram que: « a leitura é uma actividade de recepção que implica, actividades de identificação, visual, ou tátil, no caso dos cegos, que utilizam o Braille», enquanto que « a escrita é uma actividade muito diferente da leitura, implicando a produção de informação. As mesmas autoras afirmam que: «saber ler não implica automaticamente saber escrever.» (2005: 20) por isso, não podemos conformar em dizer que o que as crianças têm de fazer é aprender a ler. O que elas têm de aprender é a língua escrita. Porque é uma técnica que lhes possibilita utilizar a leitura, escrita, cópia e outros.

4. Posição do docente numa pedagogia da escrita

Segundo Luísa Pereira e Flora de Azevedo (2005:83), «para que uma criança possa aprender a ler e a escrever será necessário, antes de mais, que ao chegar à escola, possa ser bem sucedida numa tripla integração social:» i) « integração num meio particular, a escola, que só está facilitada para as crianças cuja cultura familiar está próxima do meio;» ii)« integração num grupo de crianças, os que constituem o grupo-turma;» e iii) « integração numa estrutura, a turma, que é orientada permanentemente por único adulto, o professor».

No entanto, a turma deve ser guiada e responsabilizada somente pelo professor. Ele deve trabalhar de modo que os alunos sintam bem na escola. O docente deve

responsabilizar pelo diálogo na aula. O mesmo deve oferecer incentivos e carinho para permitir um clima de confiança e consideração de todos os alunos.

O docente deve aprofundar o seu conhecimento profissional, de forma a detectar pontos fortes e fracos nas tarefas dos alunos.

5. Fases da elaboração da escrita

Para Manuela Ventura Santos e Maria Neves Gonçalves (2007:19 e 20) para produzirmos um texto devemos seguir três fases, que são: i) «planificação»; ii) «textualização» e iii) «revisão».

Na planificação devemos ter em conta os seguintes aspectos: i) «construção de um tópico; ii) «determinação da situação e objectivos da comunicação»; iii) «definição de tipo de texto e de discurso»; e iv) « construção de um plano-guia».

Todavia, as mesmas autoras ressaltam que, na textualização precisamos: «converter em linguagem escrita e em texto o material organizado e seleccionado aquando da planificação.»

Por fim, na revisão devemos proceder a « releitura do texto para o aperfeiçoamento e correcção.» É necessário revermos o texto ao longo e depois da sua produção .

III - Apresentação/ Análise de Dados

Para que possamos ter uma análise de dados optamos pelo estudo descritivo porque o mesmo tem como finalidade observar, analisar, descrever e correlacionar factos sem manipulá-los.

A investigação descritiva usa padrões textuais como, por exemplo, questionários para identificação do problema. Na investigação descritiva é importante que se faça uma análise completa dos questionários para chegar uma conclusão.

Na investigação descritiva podemos considerar ainda as seguintes etapas:

- Definição do problema;
- Revisão da literatura;
- Formulação das hipóteses ou questões de investigação;
- Definição da população - alvo;
- Escolha da técnica de dados;
- Determinação da dimensão da amostra e da técnica da amostragem.

1. Descrição dos critérios de selecção do grupo de participantes

Seleccionamos uma turma de 10ª classe de curso diurno composta por 50 alunos, de idade compreendida entre aos 16 aos 19 anos e cinco professores que leccionaram a língua portuguesa da mesma classe.

1.1. Técnicas de Recolha de dados

Optamos pelo questionário visto que achamos esta técnica pertinente pelo facto de ser relativamente económica, pode assegurar o anonimato dos sujeitos e a possibilidade de responder honestamente é maior do que na entrevista.

Contrariamente aos testes, estes instrumentos não são utilizados para avaliar os sujeitos, mas sim para conhecê-los quanto às variáveis de interesse para o investigador.

1.2. Tratamento de dados

Como técnica de tratamento de dados iremos recorrer a análise do questionário visto que é um processo adequado à análise de dados qualitativos.

Segundo Cristina Vieira (1999) no que diz respeito às estratégias de análise dos dados devem ser clara e detalhadamente identificados os processos utilizados para examiná-los e sintetizar. Trata-se como que de um relato retrospectivo do processo do raciocínio que pelo encadeamento lógico das informações recolhidas permitiu chegar às conclusões apresentadas.

2- Descrições dos dados

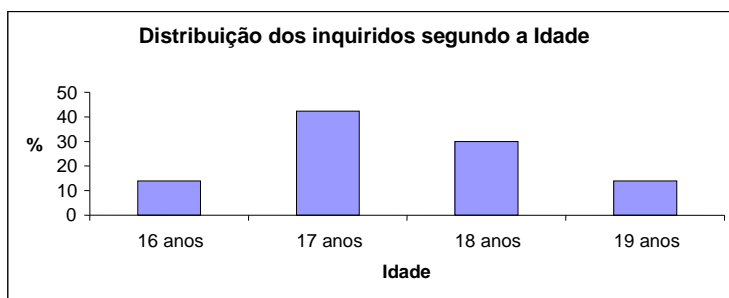
2.1 Dados da escrita dos alunos

2.1.1 Distribuição dos inquiridos segundo a idade

Quadro 1

Idade	Inquiridos	Percentagem
16 anos	7	14%
17 anos	21	42%
18 anos	15	30%
19 anos	7	14%
Total	50	100%

Gráfico 1



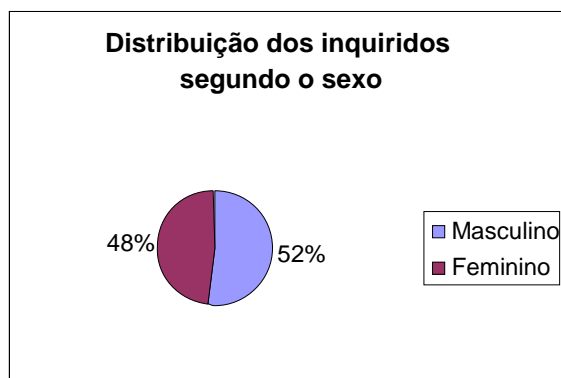
Segundo o quadro e gráfico 1 mostram - nos que: sete (14%) alunos têm dezasseis anos de idade, vinte e um (42%) alunos têm dezassete anos, quinze (30%) alunos têm dezoito anos e sete (14%) alunos têm dezanove anos.

2.1.2 Distribuição dos inquiridos segundo o sexo

Quadro 2

Sexo	Inquiridos	Percentagem
Masculino	26	52%
Feminino	24	48%
Total	50	100%

Gráfico 2



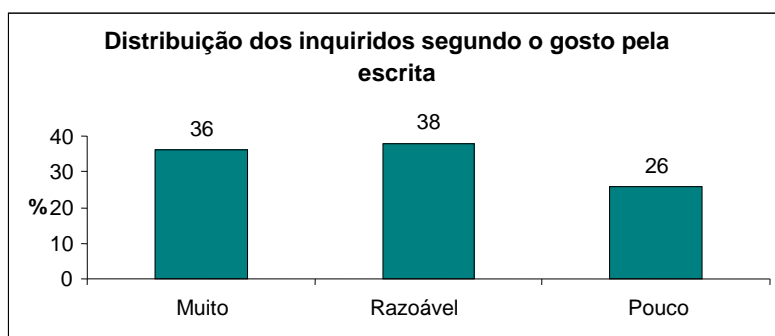
Conforme o quadro e gráfico dois vinte e seis (52%) dos inquiridos pertencem ao sexo masculino e vinte e quatro (48%) dos inquiridos pertencem ao sexo feminino.

2.1.3. Distribuição dos inquiridos segundo o gosto pela escrita

Quadro 3

	Inquiridos	Porcentagem
Muito	18	36%
Razoável	19	38%
Pouco	13	26%
Total	50	100%

Gráfico 3



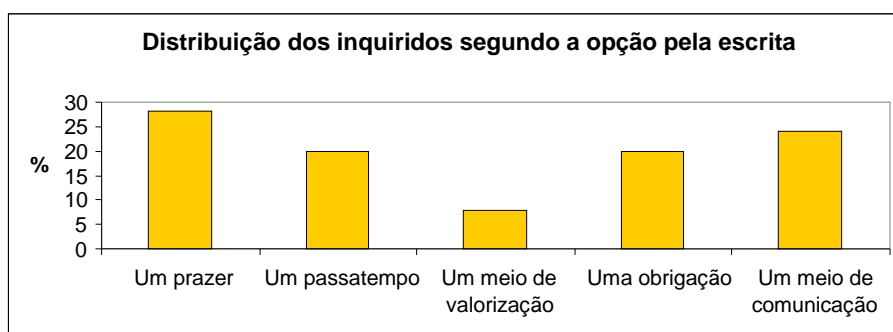
O quadro e gráfico três mostram - nos que: dezoito (36%) dos inquiridos gostam muito da escrita, dezanove (38%) dos inquiridos têm um gosto razoável pela escrita e treze dos mesmos (28%) gostam pouco da escrita.

2.1.4. Distribuição dos inquiridos segundo a definição dos mesmos sobre a escrita.

Quadro 4

	Inquiridos	Percentagem
Um prazer	14	28%
Um passatempo	10	20%
Um meio de valorização	4	8%
Uma obrigação	10	20%
Um meio de comunicação	12	24%
Total	50	100%

Gráfico 4



Segundo o quadro quatro e o gráfico quatro, catorze (28%) dos alunos inquiridos acham que escrever é um prazer. Dez (20%) dos inquiridos acham que é um passatempo. Quatro (8%) dos inquiridos consideram a escrita como um meio de valorização. Dez (20%) acham que é uma obrigação e doze (24%) dos mesmos consideram a escrita como um meio de comunicação.

2.1.5 Distribuição dos inquiridos segundo tipos de textos que costumam escrever.

Quadro 5

	Inquiridos	Percentagem
Cartas	23	27,7%
Dedicatórias	14	16,9%
Diários	13	15,6%
Textos poéticos	16	19,3%
Textos narrativos	17	20,5%
Total	83	100%

Concernente ao quadro cinco, vinte e três (27,7%) dos inquiridos escrevem cartas. Catorze (16,9%) dos inquiridos costumam escrever dedicatórias. Treze (15,6%) costumam escrever diários. Dezasseis (19,3%) dos inquiridos costumam escrever textos poéticos e dezassete (20,5%) escrevem textos narrativos.

2.1.6 Distribuição dos inquiridos segundo a forma como falam com amigo distante.

Quadro 6

	Inquiridos	Percentagem
Por carta ou postal	2	2,6%
Falando ao telemóvel	46	59%
Por email ou messenger	18	23,1%

Por mensagem escrita no telemóvel (sms)	12	15,4%
Total	78	100%

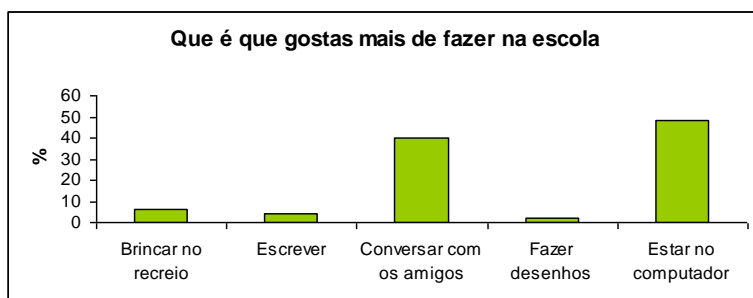
Em relação ao quadro seis, dois (2,6%) dos inquiridos falam por carta ou postal. Quarenta e seis (59%) por telemóvel. Dezoito (23,1%) por email ou Messenger e doze (15,4%) por mensagem escrita no telemóvel.

2.1.7. Distribuição dos inquiridos sobre aquilo que gostam mais de fazer na escola.

Quadro 7

	Inquiridos	Percentagem
Brincar no recreio	3	6%
Escrever	2	4%
Conversar com os amigos	20	40%
Fazer desenhos	1	2%
Estar no computador	24	48%
Total	50	100%

Gráfico 7



Segundo o quadro e o gráfico sete, três (6%) dos inquiridos preferem brincar no recreio, dois (4%) preferem escrever, vinte (40%) preferem conversar com os amigos, um (1%) prefere fazer desenhos e vinte e quatro (48%) preferem estar no computador.

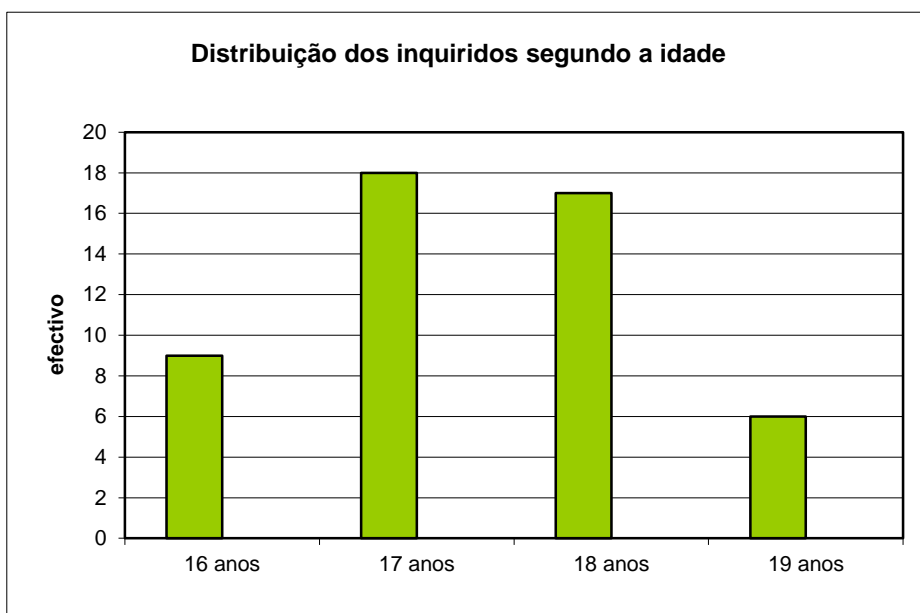
2.2 Dados da leitura dos alunos

2.2.1 Distribuição dos inquiridos segundo a idade

Quadro 8

	Total	Percentagem
16 anos	9	18%
17 anos	18	36%
18 anos	17	34%
19 anos	6	12%
Total	50	100%

Gráfico 8



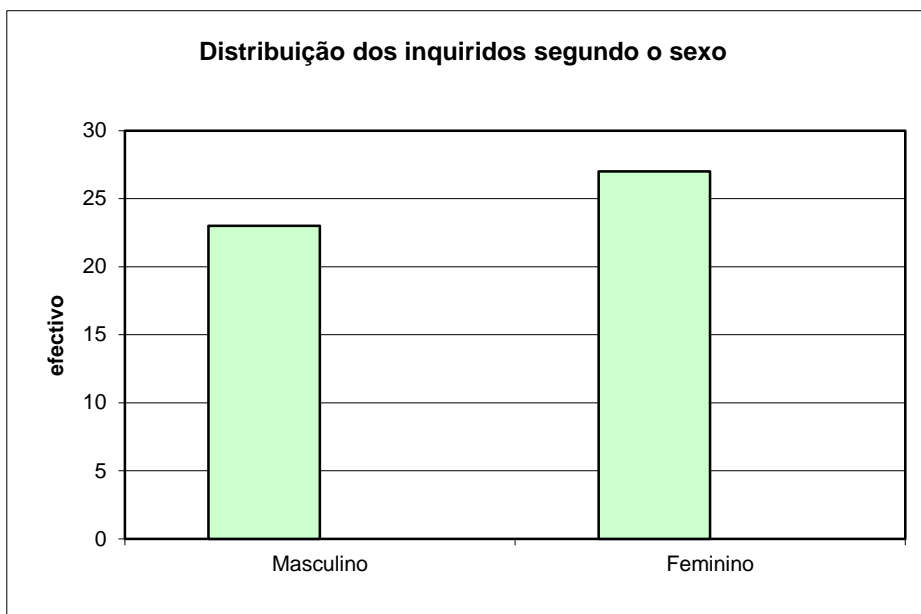
O quadro e o gráfico oito, mostram - nos que: nove (18%) dos alunos inquiridos têm dezasseis anos de idade, dezoito (36%) alunos têm dezassete anos, dezassete (34%) alunos têm dezoito anos e seis (12%) alunos têm dezanove anos.

2.2.2 Distribuição dos inquiridos segundo o sexo

Quadro 9

	Inquiridos	Percentagem
Masculino	23	46%
Feminino	27	54%
Total	50	100%

Gráfico 9



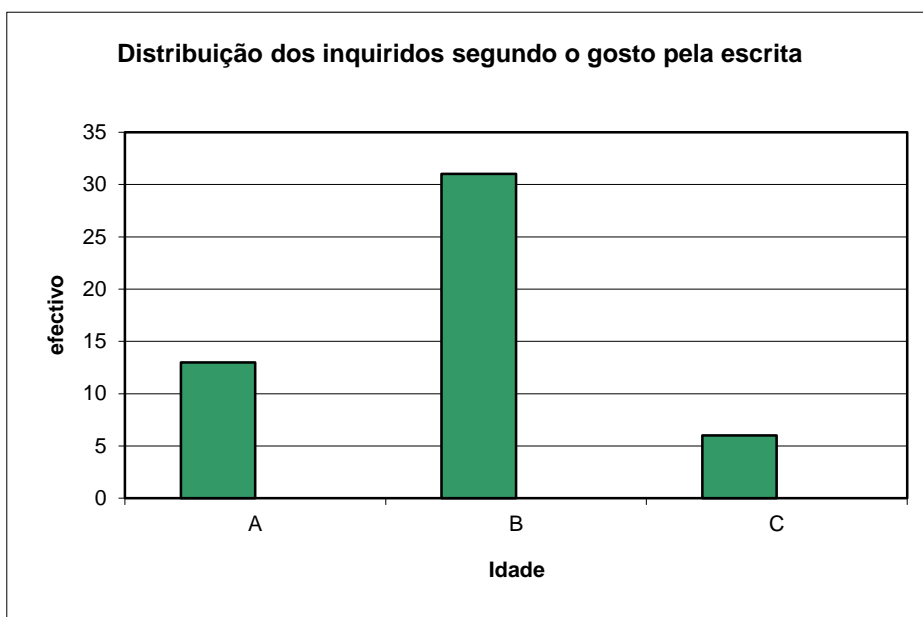
Conforme o quadro nove e o gráfico nove, apontam - nos que: vinte e três (46%) inquiridos pertencem ao sexo masculino e vinte e sete (54%) inquiridos pertencem ao sexo feminino.

2.2.2 Distribuição dos inquiridos segundo o gosto pela leitura

Quadro 10

	Inquiridos	Percentagem
A (Muito)	13	26%
B (Razoável)	31	62%
C (Pouco)	6	12%
Total	50	100%

Gráfico 10



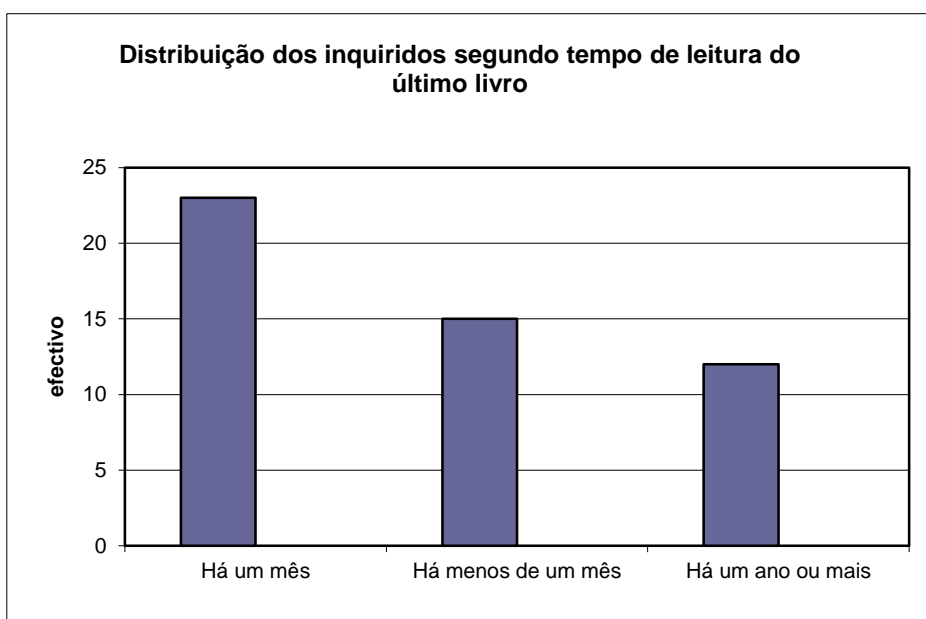
O quadro e gráfico dez mostram - nos que: treze (26%) dos inquiridos gostam muito da leitura. Trinta e um (62%) dos inquiridos têm um gosto razoável pela leitura e seis (12%) dos inquiridos gostam pouco da leitura.

2.2.3. Distribuição dos inquiridos segundo o tempo da leitura do último livro

Quadro 11

	Inquiridos	Percentagem
Há menos de um mês	15	30%
Há um mês	23	46%
Há um ano ou mais	12	24%
Total	50	100%

Gráfico 11



Segundo o quadro e o gráfico onze, quinze (30%) dos inquiridos leram o seu último livro há menos de um mês. Vinte e três (46%) dos inquiridos leram o seu último livro há um mês e doze (24%) dos inquiridos leram o seu último livro há um ano ou mais.

2.2.4. Distribuição dos inquiridos segundo o tipo de livro que prefere ler

Quadro 12

	Inquiridos	Percentagem
Aventuras	17	34%
Romances	22	44%
Poesia	10	20%
Diários	1	2%
Total	50	100%

Conforme o quadro doze, dezassete (34%) dos inquiridos preferem ler aventuras. Vinte e dois (44%) dos inquiridos preferem ler romances. Dez (20%) dos inquiridos preferem ler poesia e um dos inquiridos (2%) prefere ler diário.

2.2.5. Distribuição dos inquiridos segundo a definição da leitura

Quadro 13

	Inquiridos	Percentagem
Um prazer	20	40%
Um passatempo	19	38%
Um meio de valorização	7	14%
Uma obrigação	4	8%
Total	50	100%

Em relação ao quadro treze, vinte (40%) dos inquiridos acham que ler é um prazer. Dezanove (38%) dos inquiridos crêem que ler é um passatempo. Sete (14%) dos inquiridos acreditam que ler é um meio de valorização. E quatro (8%) dos inquiridos admitem que ler é uma obrigação.

2.2.6. Distribuição dos inquiridos sobre aquilo que costuma fazer quando não está na escola

Quadro 14

	Inquiridos	Percentagem
Ouvir músicas	3	6%
Ler	11	22%

Fazer trabalhos manuais	1	2%
Praticar desporto	6	12%
Ver televisão	17	34%
Jogar no computador	12	24%
Total	50	100%

Concernente ao quadro catorze, três (6%) dos inquiridos costumam ouvir música. Onze (22%) dos inquiridos costumam ler. Somente um (2%) inquirido tem por hábito fazer trabalhos manuais. Seis (12%) dos mesmos normalmente praticam desporto. Dezassete (34%) dos inquiridos geralmente vêem televisão. E doze (24%) dos inquiridos habitualmente jogam no computador.

2.2.7. Distribuição dos inquiridos sobre aquilo que o mesmo levaria para um lugar durante duas semanas caso não pudesse ver os seus amigos

Quadro 15

	Inquiridos	Percentagem
Telemóvel	22	44%
Uma bola	2	4%
Computador/Jogos electrónicos	11	22 %
Instrumentos de trabalhos	1	2%

manuais		
Leitor de CD/MP3	9	18%
Livros/Revistas	5	10%
Total	50	100%

Respeitante ao quadro quinze, vinte e dois (44%) dos inquiridos levaria telemóvel. Dois (4%) dos inquiridos levariam uma bola. Onze (22%) dos mesmos transportariam computador/Jogos electrónicos. Somente um (2%) dos inquiridos 2% levaria instrumentos de trabalhos manuais. Nove (18%) dos inquiridos levariam Leitor de CD/ MP3. E cinco (10%) dos mesmos levariam consigo Livros/Revistas.

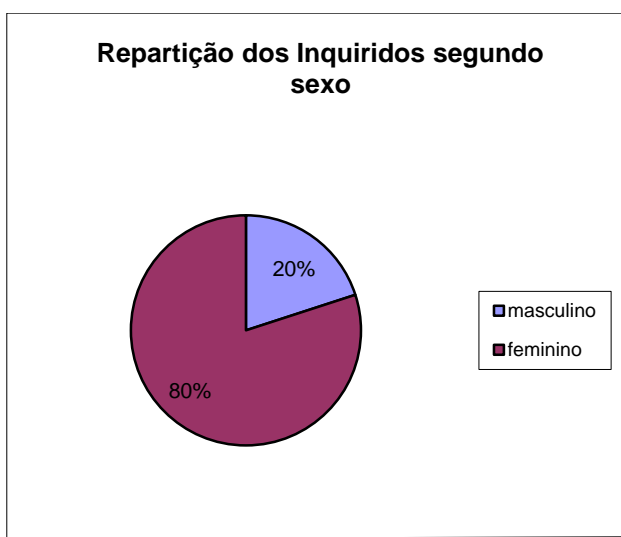
2.3 Dados da leitura dos professores

2.3.1. Distribuição dos inquiridos sobre o sexo

Quadro 16

Sexo	Inquiridos	Percentagem
Masculino	1	20%
Feminino	4	80%
Total	5	100%

GRÁFICO 16



Referente ao quadro e o gráfico 16 mostram-nos que um (20%) dos inquiridos pertencem ao sexo masculino e quatro (80%) pertencem ao sexo feminino.

2.3.2. Distribuição dos inquiridos sobre o gosto pela leitura

Quadro 17

	Inquiridos	Percentagem
A (Muito)	5	100%
Total	5	100%

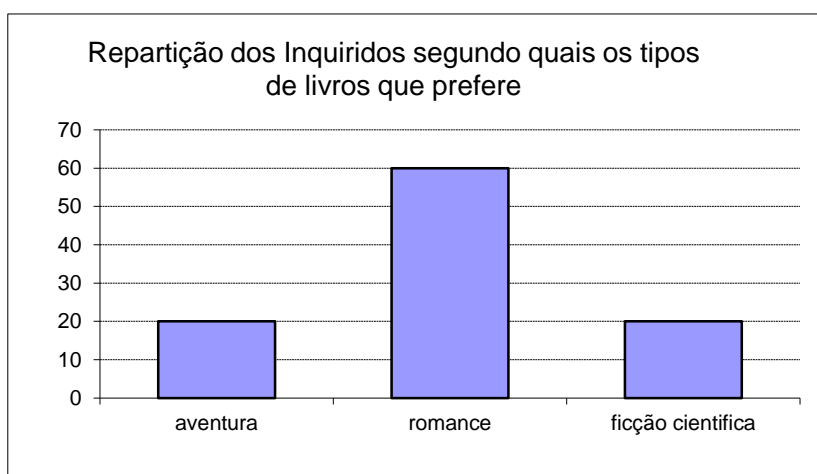
Segundo o quadro dezassete todos os inquiridos afirmaram que gostam muito de ler.

2.3.3. Distribuição dos inquiridos segundo o tipo de livro que prefere ler

Quadro 18

	Inquiridos	Percentagem
Aventuras	1	20%
Romances	3	60%
Ficção científica	1	20%
Total	5	100%

GRÁFICO 17



Segundo o quadro dezoito e o gráfico dezassete mostram-nos que um (20%) dos inquiridos prefere ler livros de aventura e de ficção científica, enquanto três (60%) dos mesmos optam pela leitura do romance.

2.3.4. Distribuição dos inquiridos segundo a quantidade de livro lido no último ano

Quadro 19

	Inquiridos	Percentagem
Entre 10 - 20	5	100%
Total	5	100%

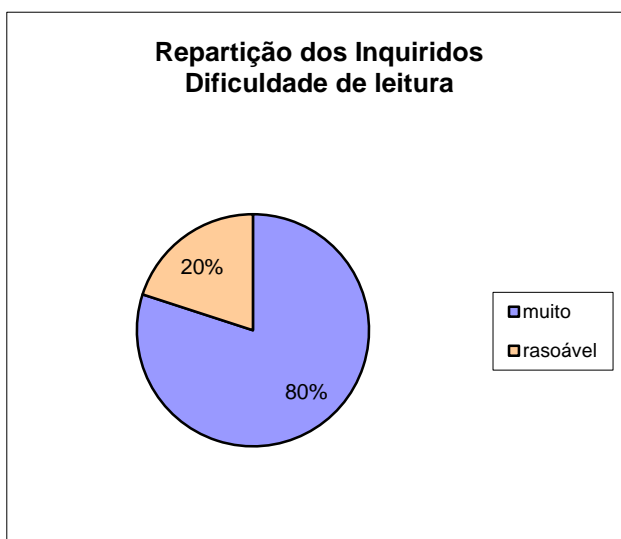
Respeitante ao quadro dezanove, todos os inquiridos confirmaram que leram entre dez a vinte livros durante um ano.

2.3.5. Distribuição dos inquiridos segundo as dificuldades da leitura dos seus alunos

Quadro 20

	Inquiridos	Percentagem
A (Muita)	4	80%
B (Razoável)	1	20%
Total	5	100%

GRÁFICO 18



O quadro vinte e o gráfico dezoito apresentam-nos que quatro (80%) dos inquiridos asseguraram que os seus alunos têm muita dificuldade na leitura. E um (20%) dos mesmos disse que os seus alunos têm alguma dificuldade na leitura.

2.3.5. Distribuição dos inquiridos segundo as razões das dificuldades da leitura dos alunos

Quadro 21

	Inquiridos	Percentagem
Não gostam de ler ou lêem pouco	3	60%
Não frequentam bibliotecas e não têm livros em casa	2	40%
Total	5	100%

Relativo ao quadro vinte e um aponta-nos que três (60%) dos inquiridos acham que os alunos têm dificuldade na leitura, porque não gostam de ler ou lêem pouco. Enquanto que dois (40%) crêem que os mesmos não frequentam bibliotecas e não têm livros em casa é por isso que têm imensa dificuldade na leitura.

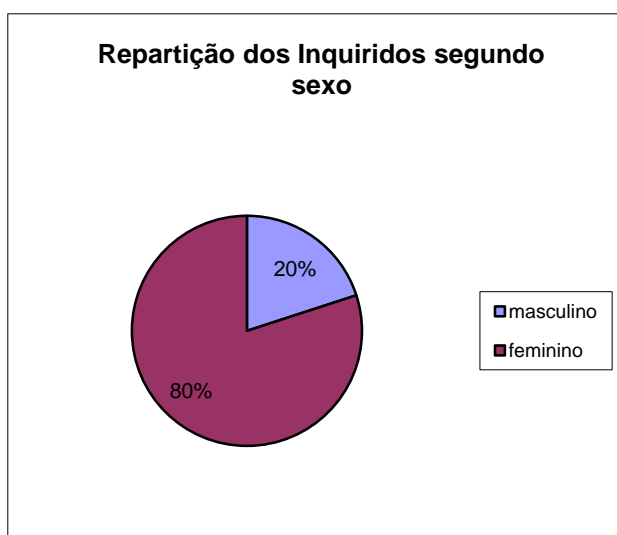
2.4 DADOS DA ESCRITA DOS PROFESSORES

2.4.1. Distribuição dos inquiridos sobre o sexo

Quadro 22

Sexo	Inquiridos	Percentagem
Masculino	1	20%
Feminino	4	80%

GRÁFICO 19



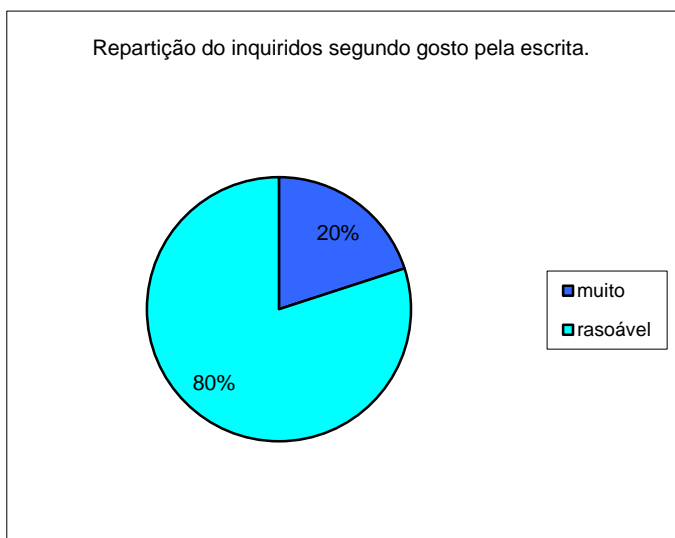
O quadro 22 e o gráfico 19 mostram-nos que um (20%) dos inquiridos pertence ao sexo masculino e quatro (80%) pertencem ao sexo feminino.

2.4.2. Distribuição dos inquiridos sobre o gosto pela escrita

Quadro 23

	Inquiridos	Percentagem
A (Muito)	1	20%
B (Razoável)	4	80%
Total	5	100%

GRÁFICO 20



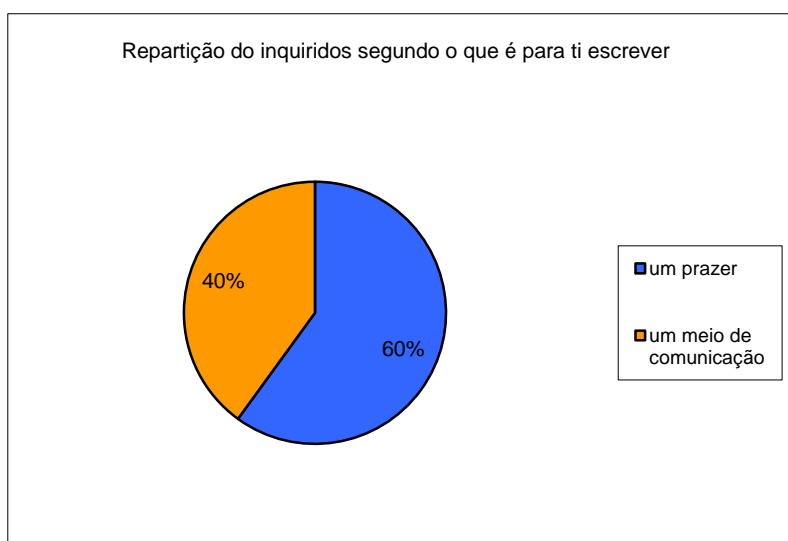
O quadro 23 e o gráfico 20 mostram-nos que um (20%) dos inquiridos gosta muito de escrever. E quatro (80%) dos mesmos têm algum gosto pela escrita.

2.4.3. Distribuição dos inquiridos segundo a definição dos mesmos sobre a escrita.

Quadro 24

	Inquiridos	Percentagem
Um prazer	3	60%
Um meio de comunicação	2	40%
Total	5	100%

GRÁFICO 21



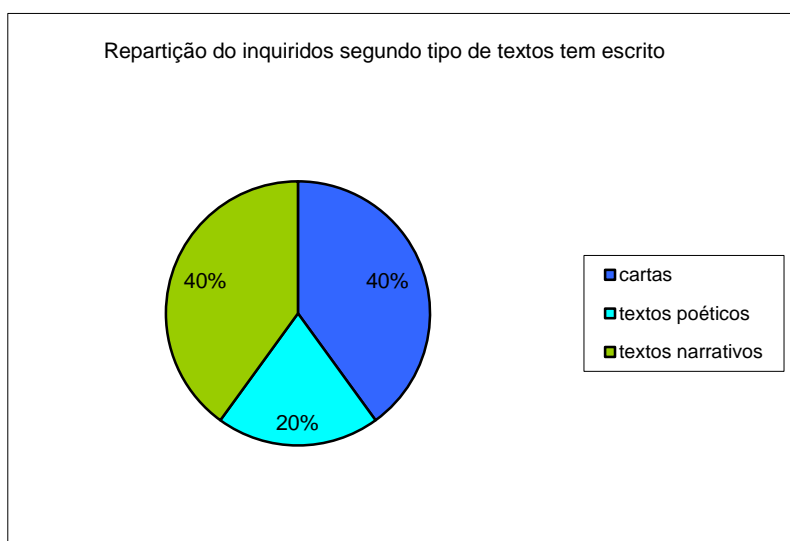
Com relação ao quadro 24 e o gráfico 21 apresentam-nos que dois (40%) dos inquiridos acham que escrever é um prazer. E três (60%) dos mesmos julgam que escrever é um meio de comunicação.

2.4.4. Distribuição dos inquiridos segundo o tipo de texto que prefere escrever

Quadro 25

	Inquiridos	Percentagem
Cartas	2	40%
Textos poéticos	1	20%
Textos narrativos	2	40%
Total	5	100%

GRÁFICO 22



O quadro vinte e cinco e o gráfico 22 referencia-nos que dois (40%) dos inquiridos preferem escrever cartas, um (20%) opta pela escrita de textos poéticos e os outros dois (40%) preferem escrever textos narrativos.

3.Análise dos dados

Pela análise feita aos questionários recolhidos, de acordo com as opiniões manifestadas pelos inquiridos chegamos algumas conclusões.

Perante às perguntas relacionadas com a escrita destinada aos alunos deparamos com uma contradição entre as respostas. Primeiramente grande parte dos inquiridos diz que gostam da escrita. Mas, posteriormente quando lhes perguntam o que preferem fazer nas horas de lazer um número bastante reduzido opta pela escrita.

Concernente às questões sobre a leitura indicadas aos alunos, muitos afirmam que a leitura nos traz benefícios, mas na prática poucos gostam de ler.

Respeitante às perguntas sobre a leitura destinada aos professores, todos afirmam que gostam muito de ler. Mas os mesmos garantem que os seus alunos têm enorme dificuldade na leitura.

Referente aos questionários, a propósito da escrita destinada aos professores, a maioria afirma que não gosta muito de escrever, somente 20% dos mesmos garantem que adoram a escrita.

Conclusão

A grande parte da aprendizagem, da leitura e da escrita se efectivará na escola. Portanto, a aprendizagem de uma boa leitura e escrita são tarefas essenciais da escola primária. Esta actividade é muito árdua e prolongada, durante os quatro anos de escolaridade primária. E essa tarefa deve prosseguir e melhorar nos estudos posteriores e exclusivamente na vida profissional.

Neste trabalho concluímos que a leitura e a escrita merecem uma atenção especial. O aluno precisa de entender e assimilar as estruturas da língua e o professor deve ser uma pessoa provida de habilidades que lhe faculte actuar em analogia, com várias situações que possam surgir ao longo do ensino aprendizagem. As leituras devem ser bem escolhidas, tendo em consideração a idade, o grau de escolaridade e os desejos dos alunos.

Podemos observar, nos resultados do inquérito feito aos professores e alunos que, perante às questões referentes a escrita aplicada aos alunos deparamos com respostas opostas.

Inicialmente, grande parte dos inquiridos diz que apreciam a escrita. Contudo, quando lhes questionam o que optam fazer no tempo vago um número insuficiente prefere a escrita.

Respeitante às questões acerca da leitura indicadas aos alunos, muitos afirmam que a leitura nos traz benefícios, mas na prática poucos gostam de ler.

Referente às perguntas acerca da leitura aplicada aos docentes, todos afirmam que gostam muito de ler. Porém os mesmos admitem que os seus alunos têm imensa dificuldade na leitura.

Concernente aos questionários, a propósito da escrita aplicada aos docentes, grande parte dos mesmos assegura que não aprecia realmente a escrita, apenas 20% dos mesmos admitem que gostam escrever.

Bibliografia

AMADO, João (2009). *Relatório de Disciplina Apresentado nas Provas de Agregação*, Coimbra.

AZEVEDO, F. (2006) *Língua materna e Literatura Infantil*, Lisboa:

AZEVEDO, Fernando e Balça, Ângela (org.) (2007). *Da leitura à escrita na sala de aula: Um percurso palmilhado com a literatura infantil*. In. Formar Leitores. Lisboa: LIDEL.

BAPTISTA, Adriana; VIANA, Fernanda. e BARBEIRO, Luís. (s/d). *O ensino da escrita: Dimensão gráfica e ortográfica*. Lisboa: PNEP.

BARBEIRO, Luís e PEREIRA, Luísa. (2007). *O ensino da escrita: A dimensão textual*. Lisboa: PNEP.

BORGES, T. M. (1998). *Ensinando a ler sem silabar*. Campinas: Papyrus Editora

CADÓRIO, Leonor (2001). *O Gosto pela Leitura*. Lisboa: Livros Horizonte.

CANÁRIO, Rui (2005). *Porque Escrever é Fazer História*. UNICAMP, Campinas/ S. Paulo.

CARDOSO-MARTINS, C.(Org.). (1995) *Consciência fonológica e alfabetização*. Petrópolis: Vozes

CASTRO, S. L. & GOMES, I. (2000). *Dificuldades de aprendizagem na língua materna*. Lisboa: Universidade Aberta.

CEIA, Carlos, (2002). *O que é ser professor de literatura?* Lisboa: Colibri.

CRUZ, V. (1999). *Dificuldades de aprendizagem*. Porto: Porto Editora.

FARACO, C. A. (2003) *Escrita e Alfabetização*. 6 ed. São Paulo: Contexto.

GIASSON, J. (1993). *A compreensão na leitura*. Porto. Edições ASA.

- GIASSON, Jocelyne. (2000). *A Compreensão na Leitura*. Porto: Edições ASA.
- GONÇALVES Gabriel. (1973). *Didáctica da Língua Nacional*. Porto: Editora, Lda.
- HOLANDA, Adriano (2006). *Análise Psicológica*
- LEMLE, M. (2003) *Guia teórico do alfabetizador*. 15 ed. São Paulo: Ática.
- MANGUEL, Alberto (1999). *Uma história da leitura*. Lisboa: Presença.
- MARTIS, M. A. (1996). *Pré-história da aprendizagem da leitura*. Lisboa: ISPA.
- MORAIS, José (1997). *A Arte de Ler: Psicologia Cognitiva da Leitura*. Lisboa: Cosmos.
- MORAIS, A. G. (2000) *O aprendizado da ortografia*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- MORAIS, A. G. (2003) *Ortografia: ensinar e aprender*. 3 ed. São Paulo: Ática.
- NIZA Sérgio (1998). *Criar o gosto pela Escrita*. Formação de Professores. Ministério da Educação/DEB.
- OLIVEIRA, G. de C. (1992). *Psicomotricidade: um estudo em escolares com dificuldades em leitura e escrita*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, SP, Brasil.
- PENNAC, Daniel . (1998). *Como um Romance*. Porto: Asa.
- PEREIRA Luísa. (2000) *Escrever em Português Didáticas e Práticas*. Lisboa: Edições Asa
- PEREIRA, Luísa. (2004). *O trabalho com a leitura e a escrita na escola básica – entre (meros) exercícios escolares e uma (autêntica) formação de leitores e produtores de textos*. Revista Palavras, nº25, Associação de Professores de Português.
- PEREIRA Luísa e AZEVEDO Flora . (2005) *Como abordar... a escrita no 1º ciclo do ensino básico*. Lisboa.

PONTECORVO, C. Ferreiro. (1996) *Língua escrita e investigação comparativa*. São Paulo: Ática.

POTTS, John (1979). *Leitura e Leituras nos Ensinos Primário e Secundário*. Lisboa: Livros Horizonte.

REBELO, J. A. S. (1993). *Dificuldades da leitura e da escrita em alunos do ensino básico*. Rio Tinto: Edições Asa.

SANTOS, E. M. (2000). *Hábitos de leitura em crianças e adolescentes*. Coimbra: Quarteto Editora.

SANTOS, M. V. e GONÇALVES, M. N. (2007). *A Competência de Escrita – Ensino Básico e Secundário*. Lisboa: Plátano Editora.

SILVA, A. C. (2003). *Até à descoberta do princípio alfabético*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SIM-SIM, Inês; FERRAZ, M. J. (1997) *A Língua Materna na Educação Básica. Competências Nucleares e Níveis de Desempenho*. Lisboa: ME-DEB

SIM-SIM, Inês. (2001). *A Formação para o Ensino da Língua Portuguesa na Educação Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: Porto Editora.

SIM-SIM, Inês. (2002). Prefácio. *Aprender a ler: da aprendizagem informal à aprendizagem formal*. Porto: Edições Asa.

SIM-SIM, Inês. (2006). *Ler e Ensinar a Ler*. Porto: Edições ASA.

SIM-SIM, Inês. (2007). *O Ensino da Leitura: A Compreensão de Textos*. PNEP, Ministério da Educação.

SOARES, Magda (2004). *Letramento: um tema em três géneros*. 2 ed. Belo.

SOUSA, C. (1999). *A Língua escrita: um processo de apropriação*. Braga: Universidade do Minho.

VIANA, Fernanda Leopoldina & Teixeira, M. M. (2002). *Aprender a ler: Da aprendizagem informal à aprendizagem formal*. Porto: Edições Asa.

VIANA, Fernanda Leopoldina. (2009). *O Ensino da Leitura: A avaliação*. Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Lisboa: PNEP.

VIEIRA Cristina, (1999). *A credibilidade da investigação científica de natureza qualitativa: Questões relativas à sua fidelidade e validade*. Coimbra.

Anexos

INQUÉRITO AOS PROFESSORES SOBRE A LEITURA

IDENTIFICAÇÃO

Sexo: Masculino Feminino

MARQUE COM UM X

1. Sabendo que **A** significa **Muito**, **B** significa **Razoável** e **C** significa **Pouco** classifica o teu gosto pela leitura.

2-Quais são os tipos de livros que prefere?

- Aventura
- Romances
- Ficção Científica
- Policiais
- Biografias
- Históricos
- Poesia
- Livros Técnicos
- Literatura infantil

3- Quantos livros leu no último ano?

- Mais de 50
- Entre 20 e 50
- Entre 10 e 20
- Entre 5 e 10
- Menos de 5

4. Sabendo que **A** significa **Muita**, **B Razoável** e **C Pouca** classifica a dificuldade de leitura dos seus alunos.

5-Na sua opinião, quais as razões dessas dificuldades?

Não gostam de ler

- Lêem pouco
- Não tem livros
- Não frequentam bibliotecas

INQUÉRITO AOS ALUNOS SOBRE A LEITURA

IDENTIFICAÇÃO

Idade: _____ anos. Turma: _____ Ano: _____ Sexo: Feminino Masculino

MARQUE COM UM X

1. Sabendo que **A** significa **Muito**, **B** significa **Razoável** e **C** significa **Pouco** classifica o teu gosto pela leitura.

2-Há quanto tempo leste o último livro:

- Há um mês
- Há menos de um mês
- Há um ano ou mais
- Habitualmente nunca lê

3-Que tipos de livros preferes ler?

- Aventuras
- Romances
- Ficção Científica
- Banda desenhada
- Policiais
- Biografias
- Históricos
- Poesia
- Teatro
- Diários
- Livros Técnicos
- Livros escolares

4-O que é para ti ler?

- Um prazer
- Um passatempo
- Um meio de valorização
- Uma obrigação

5-Que é que costumás fazer quando não estás na escola?

- Leio
- Oiço música
- Faço trabalhos manuais
- Faço desporto
- Brinco com os animais
- Vejo televisão
- Vou ao cinema ou ao teatro
- Passeio com os meus pais
- Ando de bicicleta
- Jogo no computador

6- Imagina que ias para um sítio onde não podias ver os teus amigos durante duas semanas. O que é que levavas contigo? (escolhe uma, duas ou três respostas)

- Telemóvel
- Televisão
- Uma bola
- Computador / jogos electrónicos
- Bonecas
- Instrumentos de trabalhos manuais
- Livros / revistas
- Leitor de CD / MP3
- Papel e lápis para desenhar

INQUÉRITO AOS PROFESSORES SOBRE A ESCRITA

IDENTIFICAÇÃO

Sexo: Masculino Feminino

MARQUE COM UM X

1. Sabendo que **A** significa **Muito**, **B** significa **Razoável** e **C** significa **Pouco** classifica o teu gosto pela escrita.

2-O que é para si escrever?

- Um prazer
- Um passatempo
- Um meio de valorização
- Uma obrigação
- Um meio de comunicação

3-Que tipo de textos tem escrito?

- Cartas
- Dedicatórias
- Diários
- Textos poéticos
- Textos narrativos
- Textos dramáticos

INQUÉRITO AOS ALUNOS SOBRE A ESCRITA

IDENTIFICAÇÃO

Idade : _____ anos. Turma: _____ Ano: _____ Sexo: Feminino Masculino

MARCA COM UM X

1. Sabendo que **A** significa **Muito**, **B** significa **Razoável** e **C** significa **Pouco** classifica o teu gosto pela escrita.

2-O que é para ti escrever?

- Um prazer
- Um passatempo
- Um meio de valorização
- Uma obrigação
- Um meio de comunicação

3-Que tipo de textos costumavas escrever?

- Cartas
- Dedicatórias
- Diários
- Textos poéticos
- Textos narrativos
- Textos dramáticos

4-Imaginas que queres falar com um (a) amigo (a) que está distante de ti. Como é que falavas com ele (a)? (escolhe uma ou duas respostas)

- Por carta ou postal
- Falando ao telemóvel
- Por *e – mail* ou *Messenger*
- Por mensagem escrita no telemóvel (*sms*)

5-Que é que gostas mais de fazer na escola?

- Brincar no recreio
- Escrever
- Conversar com os amigos
- Fazer contas
- Fazer desenhos
- Estar no computador